

**VIVÊNCIAS COLABORATIVAS SOBRE CAMINHOS ANCESTRAIS
COM DOCENTES, ESTUDANTES E PROFESSORAS
DA REDE MUNICIPAL DE LONDRINA**

EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)

SILVA, G. B. da¹; SOUZA, M. I. P. de O.²; YOSHIDA, H. J.³

RESUMO

Este relato é a efetivação de uma ação que contemplou simultaneamente a formação inicial e a formação continuada de professores de Arte. O município de Londrina não conta com professores concursados na área de Arte e desse modo é muito comum observarmos a utilização de estereótipos, em especial quando o assunto é relacionado à história da Arte e da Cultura Afro-Brasileira. Desse modo não há o estímulo à pesquisa e à descoberta. Ao contrário, embora os assuntos estejam presentes nas diretrizes curriculares, invariavelmente são trabalhados na superficialidade, em situações mais visuais que convidam o aluno apenas a colorir, por exemplo. Certamente, isso não contribui para uma formação crítica de nossas crianças. Além disso, nas escolas municipais de Londrina não há Professores de Arte, o que nos levou a desenvolver algumas propostas e materiais de apoio sobre a cultura Afro-Brasileira. O objetivo foi produzir materiais de apoio pedagógico para Professoras que atuam em CMEI's – Centros Municipais de Educação Infantil, em turmas de P5, visando a ação e reflexão com as crianças sobre a proposta "Caminhos Ancestrais", bem como a avaliação das propostas realizadas por nós pelos nossos Professores. A metodologia consistiu em realizar pesquisas teóricas sobre culturas Africanas e Afro-Brasileiras na perspectiva descolonial e desenvolver um plano de aula com duas propostas de ação que integravam várias linguagens da Arte, com vídeo de apoio ilustrando os procedimentos. Os materiais desenvolvidos foram aplicados pelas quatro professoras em novembro de 2021. Os resultados mostraram-se frutíferos, pois as atividades envolveram vários setores da escola, assim como as famílias dos estudantes. Os objetivos previstos no plano de aula foram alcançados, pois, a proposta revelou a importância do projeto da disciplina sobre cultura Afro-Brasileira tanto para o ensino público infantil, como para nós professores em formação e para as professoras dos CMEI's.

Palavra-chave: Formação Docente; Arte Afro-Brasileira; Educação Infantil; Material Educativo.

¹ Gustavo Bernardo da Silva, UEL (aluno Artes Visuais).

² Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza, UEL (orientadora deste trabalho - Coordenadora)

³ Henrique Jun Yoshida, UEL (aluno Artes Visuais).

1 INTRODUÇÃO

Em 2021, a pandemia do COVID-19, o isolamento social e o ensino remoto se constituíram em um grande desafio para a disciplina de *Estágio Não-Formal*, do curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

As escolas Municipais já haviam retornado para o ensino presencial, mas a UEL ainda não. Nesse contexto, como fazer o estágio e a formação docente acontecerem de maneira relevante neste misto de dinâmicas de ensino? Pela impossibilidade de desenvolvermos atividades presencialmente, produzimos materiais educativos para que as professoras atuantes em CMEI's de Londrina pudessem utilizá-los.

Convém ressaltar que na Rede Municipal de Educação de Londrina ainda não há concurso para professores de Arte, alguns egressos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UEL atuam nessa Rede por terem a formação no Magistério. Esse é um dos motivos que leva muitos professores a participarem dos grupos de estudos ofertados pelo Projeto nº 02021- Renovando caminhos para formação contínua de Professores de Arte. Desse modo os docentes optaram por elaborar uma proposta que contemplasse a formação inicial de estudantes da UEL e a formação continuada de professores da Rede Municipal, tendo como foco a cultura Africana, uma vez que é de grande influência para a formação da cultura brasileira.

Entretanto, apesar disso, pouco é ensinado nas escolas sobre a África, as etnias e suas especificidades culturais. Somente em 2008, com a lei nº 11.645/08, houve a inclusão do ensino da História e Cultura Afro Brasileira e Indígena no currículo educacional brasileiro. Mesmo assim, muitos estudantes ainda não têm contato algum com esse tema curricular obrigatório, pois muitos professores também não. Portanto, paralelamente, outra preocupação nossa era incluir as discussões raciais que envolvem a pessoa negra nesse material e como desenvolvê-las com o público-alvo (professoras da rede municipal do ensino infantil) através da Arte? Para embasar o material, foram feitas pesquisas bibliográficas e artísticas que justificassem nossas escolhas, tanto práticas quanto teóricas.

Heleni de Barros Lage Nascimento (2015) aborda em seu escrito para a Especialização em Educação das Relações Étnico-raciais, a música africana na escola. Logo no primeiro parágrafo da introdução, a autora afirma:

Trazer para a sala de aula e trabalhar a música africana contextualizada com os conteúdos escolares dá significado ao que tange abordar de maneira lúdica, prazerosa e abrangente a Cultura Africana e todas as suas influências, visto que, para os africanos, a música e a vida estão ligadas e são tidas como elemento inseparável da vida humana. (p. 9)

Considerando que as outras linguagens da Arte também são inseparáveis da vida humana para a Cultura Africana, sendo assim, a arte cumpriu a função de recurso e conhecimento para desenvolver respeito à alteridade, às relações entre aqueles que compõem a sala de aula e a escola, bem como para ampliar o repertório artístico de todos os envolvidos no processo: estudantes, professores e alunos. Tudo isso culminou na produção do material educativo chamado *Caminhos Ancestrais*.

2 METODOLOGIA

Produzido durante a disciplina *Estágio Não-Formal*, do 4º ano da Licenciatura em Artes Visuais (UEL), para professores da rede municipal de educação infantil da cidade de Londrina (PR), o material educacional *Caminhos Ancestrais* propõe duas ações: *Frutos da Ancestralidade* e *Caminhos Traçados*⁴ voltadas para alunos do P5. Esse material apresenta o passo-a-passo, em texto e vídeo⁵, com sequências de ações, as quais são sugestões que podem ser adaptadas às realidades e necessidades específicas de cada turma/instituição.

Para construirmos tais propostas a participação das Professoras foi fundamental, uma vez que nos revelaram o contexto de cada turma de modo que pudéssemos entender melhor as características das crianças ali inseridas e, conseqüentemente, desenvolver um material que atendesse as necessidades delas e de seus alunos. Vale lembrar que esses encontros foram remotos com o grupo de estudantes, docentes e professoras. grupo de estudantes, docentes e professoras.

⁴ <https://docs.google.com/document/d/1kBbLH0x6-apW0pVWaMDguJioLERDbM4W/edit?usp=drivesdk&oid=105152072067939845887&rtpof=true&sd=true>

⁵ https://drive.google.com/file/d/1RwLTyXNrLQ6Ur4S4ecXTUmftHbwb-_V/view?usp=sharing

A primeira proposta, *Frutos da Ancestralidade*, tem essa última palavra como principal conceito definido em *Formação em Ação*, da Secretaria de Educação do Governo do Paraná (2018), *Anexo I - Conceitos em Educação Escolar Quilombola: tecnologias e produção do trabalho*. Já segundo Oliveira (2007) a ancestralidade une a diversidade e promove o encantamento, sendo “revelação-profecia”. Instrumento ideológico que é meio para construções políticas e sociais. Vale lembrar que o termo ancestral indica antepassado e “para o africano o ancestral é importante e venerado porque deixa uma herança espiritual sobre a Terra contribuindo assim para a evolução da comunidade (...)” (LOPES, 2011, p.98)

Desse modo, a atividade se dava da seguinte maneira: alguns dias antes, foi solicitado às crianças fotografia de pessoa(s) mais velha(s) que a criança admira, tenha respeito etc. Imprima ou fotocopie a fotografia, colorida ou não. A etapa pode ser substituída propondo o desenho dessa pessoa no dia da aula. Para criar um ambiente lúdico e considerando a afirmação de Nascimento (2015, p. 9), de que a música é essencial para a Cultura Africana, disponibilizamos uma *playlist* com músicas para estimular as crianças a dançar. Após a dança, a professora deve falar sobre o período da escravização no Brasil e enfatizar o apagamento cultural e histórico que ocorria nesse processo e que reverbera atualmente, apresentando exemplos (preferencialmente a partir de histórias infantis). Faça perguntas sobre as pessoas importantes escolhidas pelas crianças, procurando conhecê-las. Estenda um rolo de papel kraft como uma árvore (tronco e copa), espalhe as fotografias onde seriam as folhas da árvore. Proponha aos alunos que caminhem sobre o papel estendido (com os pés molhados de tinta para registrarem suas passagens pela superfície) da raiz aos galhos e buscarem pelas suas respectivas fotografias. A intenção é que eles se percebam enquanto os frutos da árvore de seus ancestrais.

A segunda atividade, *Caminhos Traçados*, inicia-se com a *playlist* para estimular as crianças a trabalharem os ritmos e os movimentos. O exercício fará com que o aluno perceba os movimentos do seu corpo, permitindo que explore as possibilidades do movimento corporal, além da capacidade intelectual de abstrair e dar significado ao mundo exterior tridimensional em imagens bidimensionais. Após a música, a professora deve explicar a atividade: pedir aos alunos que formem duplas, pois desenharão um ao outro através de transparências (uma folha para cada dupla) com canetas marcadoras (duas para cada dupla e de cores diferentes,

caso possível). O desenho na transparência deve ser feito da seguinte forma: um aluno segurará a folha com as duas mãos em frente ao seu rosto e o colega o desenhará. Depois farão o inverso. Após finalizar, eles podem levar suas transparências pela escola, utilizando seus arredores para interagir com o desenho, usando árvores ou nuvens ao fundo como se fosse o cabelo, o azul do céu preenchendo a cor do rosto etc.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações das professoras e dos docentes durante a formulação do material educativo foi essencial para que entendêssemos melhor a realidade da educação infantil em nível municipal. Após a aplicação, os retornos que as professoras deram foram muito positivos. Através de áudios, vídeos e fotografias, elas relataram suas experiências e as reações dos alunos. O curso de Artes Visuais da UEL é uma licenciatura, portanto desenvolver esse material educativo foi de extrema importância para nossa formação acadêmica, pois permitiu que tivéssemos contato com a educação infantil e sua realidade, apesar do isolamento social e ensino remoto, além da reflexão sobre tudo isso através da pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar dessa ação que envolveu o curso superior e a educação infantil nos trouxe a certeza de que a potência do ensino de arte contribui, de fato, para o desenvolvimento do pensamento crítico, da percepção, do respeito ao outro. Outra questão importante é que essa experiência congregou a extensão, o ensino e a pesquisa na formação inicial e continuada em Arte.

REFERÊNCIAS

LOPES, Nei, 1942- Enciclopédia brasileira da diáspora africana. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

NASCIMENTO, Heleni de Barros Lage. **A Música Africana na Escola**. Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2015.

OLIVEIRA, David Eduardo de. Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Educação. Educação Escolar Quilombola: tecnologias e produção do trabalho. In: **Formação em Ação**. Paraná, 2018.